

A EMOÇÃO NA SALA DE AULA

**IMPACTOS NA
INTERAÇÃO
PROFESSOR/ALUNO/OBJETO
DE ENSINO**

Série Ideias Sobre Linguagem

Conselho editorial

Antónia Coutinho

(Universidade Nova de Lisboa)

Ecaterina Bulea

(Université de Genève)

Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin

(Universidade Federal do Ceará)

Juliana Alves Assis

(Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Jane Quintiliano Guimarães Silva

(Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Lesley Bartlett

(Columbia University)

Manoel Luiz Gonçalves Corrêa

(Universidade de São Paulo)

Maria Angela Paulino Teixeira Lopes

(Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

ADA MAGALY MATIAS BRASILEIRO

A EMOÇÃO NA
SALA DE AULA

IMPACTOS NA
INTERAÇÃO
PROFESSOR/ALUNO/OBJETO
DE ENSINO

MERCADO®
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brasileiro, Ada Magaly Matias

A emoção na sala de aula : impactos na interação professor/aluno/objeto de ensino / Ada Magaly Matias Brasileiro. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2018. – (*Série Ideias Sobre Linguagem*)

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-513-4

1. Educação – Finalidade e objetivos 2. Interação professor-aluno
3. Psicologia educacional 4. Sala de aula – Direção I. Título II. Série.

18-14562

CDD-370.153

Índices para catálogo sistemático:

1. Emoção na sala de aula : Psicologia educacional 370.153

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
revisão final da autora

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 1 8

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

A meus alunos de agora e outrora.

AGRADECIMENTOS

Este livro é decorrente de uma conspiração positiva. Não resulta apenas de uma pesquisa de 3 anos, mas de toda uma vida. Por isso, indiretamente, são muitas as mãos que a construíram e muitas as vozes que nela se fazem ouvir, advindas de diferentes fontes, que me constituem. Nesse momento, em que sinto a alegria de cumprir mais uma etapa em minha vida, quero expressar a minha gratidão:

- *a Deus, minha força e meu guia;*
- *a meus pais, fontes de inspiração, minhas primeiras referências;*
- *a Eduardo, meu amor e companheiro;*
- *às minhas filhas, pelo sentido e leveza que imprimem em minhas ações;*
- *a meus irmãos, partes de mim, em quem sempre encontro apoio;*
- *à minha avó, Naninha, pelo inexplicável conforto espiritual que me proporciona;*
- *à PUC Minas e aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, que valorizam e estimulam os seus alunos;*
- *aos professores, funcionários administrativos e alunos da escola que me acolheu, cujos discursos ancoraram os meus estudos. Agradeço a generosidade de todos vocês;*
- *à Angela Kleiman, pela leitura generosa e interlocução construtiva;*
- *à Juliana Alves Assis (Ju), pelo crédito a mim concedido, pela acolhida incomparável, pela dedicação inspiradora, pela clareza, tranquilidade e segurança nas orientações, pelos conselhos e pela oportunidade de me fazer crescer.*

Muito obrigada!

*Não me permiti dizer-lhe de medo
de irritá-la – pois para ela
a palavra é sempre carinho ou agressão,
nunca espelho da verdade.*

Michel Tournier. *Le Roi des Aulnes*, 1970.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
<i>Juliana Alves Assis</i>	
CONSIDERAÇÕES INICIAIS: ILUMINANDO A CENA	15
1. A EMOÇÃO NA INTERAÇÃO: REFERÊNCIAS E ANCORAGENS TEÓRICAS	31
2. REVISANDO O (PER)CURSO: PRINCÍPIOS, PARÂMETROS E ESCOLHAS METODOLÓGICAS	79
3. DESFAZENDO NÓS: ANÁLISE DOS DADOS E CONSTRUÇÃO DAS RESPOSTAS	111
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: CERRAM-SE CORTINAS E ABREM-SE CAMINHOS	255
REFERÊNCIAS	261

PREFÁCIO

Juliana Alves Assis

Este livro, escrito pela pesquisadora e professora Ada Magaly Matias Brasileiro, traz ao leitor uma nova redação de tese de doutoramento brilhantemente defendida por ela, em 2012, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Assumindo que a dimensão emocional atua de forma decisiva nas relações interacionais, Ada Brasileiro busca identificar, caracterizar e explicar como a emoção interfere na interação na sala de aula.

Muitas são as razões que ensejam a relevância da publicação. A primeira delas é a qualidade científica do trabalho, resultado de uma pesquisa realizada com rigor teórico-metodológico e condução analítica irretocável. A par dessa característica tão cara ao domínio acadêmico-científico, cabe destacar o fato de a publicação encerrar temática pouco (ou mesmo mal) iluminada em trabalhos que se voltam para as práticas didáticas escolares – a emoção na sala de aula –, tendo em vista o seu impacto na interação entre professor, aluno e objeto de estudo. Noutros termos, parece-nos fundamental que estudos que se voltem para

o exame da interação em sala de aula tenham em conta o lugar e o papel das emoções nas relações entre seus atores e nas ações que estes levam a efeito no processo de ensino e de aprendizagem, como nos permite compreender o trabalho de Ada Brasileiro. Por essa via, há a defesa de que o aprendizado sofre a interferência de fatores ligados ao universo afetivo, ou seja, o aprender – processo complexo, como sabemos – é perpassado por um clima emocional que precisa ser compreendido pelo professor.

Outras qualidades do livro merecem também ser apontadas, aqui assumidas como evidências da relevância da divulgação do trabalho da pesquisadora e professora Ada Brasileiro a um público maior.

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública da educação básica e seguiu, de forma extremamente cuidadosa, critérios, parâmetros e expedientes metodológicos coerentes com o objeto investigado. Louvem-se, ainda nesse sentido, as primorosas lições que ela oferece no capítulo dedicado à metodologia da pesquisa, seja a pesquisadores em formação, seja mesmo aos mais experientes.

Também exemplar é a articulação teórica desenvolvida pela autora, de forma a sustentar tanto o investimento analítico realizado sobre as interações em sala de aula registradas quanto a própria edificação do objeto da pesquisa. O sucesso dessa articulação deve-se, sem dúvida, à habilidade de Ada Brasileiro para fazer dialogar premissas, conceitos e categorias oriundos de diferentes campos, tais como a Psicologia, a Sociologia, a Educação e a Linguística.

A mesma lógica que pautou a construção dessa base teórica multidisciplinar também se fez presente na análise dos dados da sala de aula, examinados por diferentes ângulos, ou seja, por uma visada multidimensional que permite revelar tanto a complexidade quanto a dinamicidade

do fenômeno investigado no evento de interação aula. Em suma, os modos de interação descritos no evento e as ações linguageiras levadas a termo por seus participantes são aspectos centrais para a compreensão do funcionamento e da plasticidade da emoção nas práticas de ensino e de aprendizagem.

Por meio desse trabalho analítico, a autora põe à mostra um conjunto de fatores que podem concorrer para que uma aula venha a ser bem ou malsucedida.

Seja um pesquisador, seja um docente, seja um professor em formação inicial, o leitor deste livro poderá se beneficiar do sério (e igualmente apaixonado) trabalho de pesquisa realizado por Ada Brasileiro.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: ILUMINANDO A CENA¹

O conhecimento humano, no estágio em que se encontra hoje, é resultado de um interminável debate entre as evidências da natureza e as leituras que fazemos delas. Durante muitos séculos, as pesquisas científicas e filosóficas conduziram o homem a um dualismo entre homem e sociedade, corpo e mente, razão e emoção.

Pensadores como Platão, Santo Agostinho, Descartes, Kant, dentre outros, excluíram de seus estudos aquilo que não fosse da ordem racional e se destacavam pelo controle de suas paixões. Descartes, por exemplo, imerso no contexto positivista, postulou a separação da mente e do corpo, atribuindo o estudo da mente à religião e à filosofia; e o estudo do corpo, visto como uma máquina, à medicina (Descartes 1637[2000]). Para ele, o raciocínio deve ser feito de forma dissociada das emoções.

Tais pensamentos relegaram as emoções à marginalidade dos interesses das pesquisas científicas até o século XX, de tal modo que cientistas cognitivistas de

1. Esta publicação é resultado da pesquisa de Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas, que foi orientada pela Professora Doutora Juliana Alves Assis e contou com o auxílio de bolsa da Capes.

grande respaldo ainda hoje defendem o estudo da cognição independentemente da emoção, embora admitam a sua importância para o campo do conhecimento. Gardner, por exemplo, decide diminuir a ênfase dada a fatores como a emoção e, mesmo admitindo que esta pode ser importante para o funcionamento cognitivo, considera a inclusão desse elemento em seus estudos como algo que “complicaria de forma desnecessária o empreendimento científico-cognitivo” (Gardner 1985, p. 6).

Mais recentemente, entretanto, diversos campos científicos, questionando o estudo mecanicista proposto por Descartes, romperam com essa visão dualista e com a própria lógica da dicotomia, aplicada a diferentes conceitos e fenômenos. Nos estudos da linguagem, por exemplo, podemos verificar a perspectiva segmentada da fala e da escrita cedendo lugar à ideia do contínuo na linguagem, bem como a concepção subjetivista sociointeracionista ocupando o espaço antes destinado à dualidade indivíduo e sociedade.

Também nessa direção, alguns estudiosos começaram a investir em pesquisas que desfazem a dualidade entre razão e emoção e, contradizendo os saberes de outrora, afirmam que, na verdade, são as emoções que permitem o equilíbrio das decisões (Damásio 1996, 2010; Maturana 2005).

Deixando, por enquanto as discussões filosóficas e entrando no campo empírico, vamos tomar, para início dessa conversa, três cenas comuns no cotidiano escolar, as quais fundamentarão o problema científico a ser trabalhado neste estudo:

- a) Cena 1: a professora corrige um exercício no quadro e os alunos acompanham, perguntam, respondem em coro, acrescentam. Estão todos ativos, interagindo, construindo a aula com a professora.

- b) Cena 2: a professora sentada à sua mesa, com uma expressão de tristeza, mão no queixo, uma atividade no quadro. Dois terços dos alunos realizam a tarefa proposta sem empolgação. Eles bocejam e reclamam que o tempo não passa.
- c) Cena 3: a professora tenta corrigir a tarefa no quadro, fala quase que sozinha, enquanto os seus alunos conversam paralelamente, brincam, cantam, riem, interpelam-se uns aos outros. Estão todos ativos, mas com interesses totalmente diversos do assunto da aula.

Tais cenas ocorridas em uma mesma sala de aula, sequencialmente, em um mesmo dia letivo, representam um fato corriqueiro para nós, professores. As variações de atitudes e comportamentos de uma turma em cada uma das aulas que ela tem por dia é algo sabido e reconhecido pelos atores da comunidade escolar e demove a ideia de que a razão deva ser vista de forma dissociada das emoções.

O que ainda não está claro são os fatores que concorrem para mudanças tão radicais, que interferem profundamente no funcionamento da aula,² ou seja, no alcance ou não dos objetivos propostos para o processo ensino/aprendizagem dos alunos. Cientes, contudo, de que é o professor o gestor da sala de aula, aquele que estabelece a proposta e define os objetivos de cada evento, um dos focos principais para análise da questão são as ações por ele praticadas ali na sala de aula.

Intrigada com essa realidade tão premente para o cotidiano do professor, dispus-me a pesquisar tais fatores, defendendo que o cerne da questão encontra-se nas relações

2. Adoto a perspectiva interacionista e concebo uma aula de sucesso como aquela que teve a participação ativa dos sujeitos envolvidos, contribuindo para o êxito dos objetivos didático-discursivos planejados para ela.

interacionais estabelecidas entre os sujeitos envolvidos no evento e que, assim, nelas o fator emocional interfere de maneira decisiva.

Ainda no ponto inicial das minhas reflexões, encontro um tema que suscita polêmica, carente, pois, de iluminação, para que eu consiga prosseguir no estudo. Trata-se da emoção como objeto de pesquisa científica. Diante desse impasse, vejamos como tem sido conduzido o assunto no campo da linguagem.

Em especial, a Análise do Discurso, ao focalizar a interação, tem investido seus esforços nos estudos das emoções, percebendo-as como constitutivas das relações de trocas linguageiras, numa abordagem discursiva. Dentre os estudiosos, podemos destacar Amossy (1987), Vanderveken (1990), Charaudeau (2000), Pepin (2008), Plantin (2003, 2010) e outros.

Charaudeau (2000) defende que as emoções estejam relacionadas a três valores socialmente partilhados, uma vez que: vinculam-se à intencionalidade do sujeito; relacionam-se aos saberes de crenças; e se inscrevem no quadro das representações psicossociais do mundo.

Nessa perspectiva, o signo linguístico, por si só, não garante a construção da emoção. Ela é constituída por meio de marcas de ordem enunciativa presentes no imaginário sociodiscursivo, as quais o autor denomina “efeitos patêmicos do discurso”. Tais marcas orientam os sujeitos envolvidos no processo interativo a perceber os variados estados emotivos. Assim, as emoções podem ser tratadas por uma abordagem discursiva e tomadas sob uma perspectiva enunciativa.

Isso nos conduz a entender a emoção, do ponto de vista discursivo, como as marcas linguageiras que, na interação, enunciam saberes, crenças, representações psicossociais do mundo e, em especial, da situação comunicativa na qual os sujeitos estão envolvidos.

Assumir essa concepção é tomar a linguagem como um fenômeno social e histórico, como uma produção interativa associada às atividades sociais, mediação decisiva para a construção social da pessoa e de sua capacidade de agir e, assim, das próprias atividades sociais. Bronckart (1997[2006]), por exemplo, defende que é pela linguagem que se partilham e se definem tanto a compreensão do mundo, quanto a construção de motivos e finalidades para a ação.

Nesse ponto, é possível voltar ao campo de análise que motiva este trabalho e tomar esse mundo, referido por Bronckart, como a sala de aula: um espaço comum à formação de todo cidadão escolarizado, mas ainda carente de atenção por parte dos pesquisadores da linguagem. Para compreensão desse meio e do seu funcionamento, assumiremos a dimensão emocional como um ponto de extrema importância.

Paralelamente à assunção da sala de aula como o ambiente da emoção, entendemos que ele é, também um lugar de construção e de circulação de representações sociais. Um lugar social constitutivo de significações discursivas. Os efeitos da significação a partir dos lugares sociais não se resumem, no entanto, a esse aspecto. Se, por um lado, o lugar social significa os enunciados de um sujeito, esse sujeito também produz sentidos acerca da posição simbólica que assume. Sendo assim, ao se tomar a atividade e o discurso dos sujeitos, levam-se em conta suas posições de professor e de aluno e a forma como assumem essas posições enunciativas.

A representação social é desenvolvida no próprio processo de interação social e pode ser considerada, num sentido mais amplo, de acordo com Jodelet (2002), como uma forma de pensamento social, que pode ainda ser concebido como a realidade que é formulada pelos sujeitos dos diversos segmentos de uma sociedade. São esses significados compartilhados que constroem, produzem

uma história individual e uma história social, bem como possibilitam a construção de perspectivas comuns. Exatamente por isso, para este estudo, é interesse também focalizar as representações sociais construídas na sala de aula (professor, aluno, práticas, disciplinas...) e que associação pode ser feita com as emoções ali presentes.

Mas, afinal, que aspectos da emoção podem ser observados quando se pretende fazer uma análise de cunho interacional? Estudiosos apontam-nos os seus caminhos, os quais são estreitamente relacionados com o objeto deste estudo: a emoção. Segundo eles, ao se analisar um evento interacional, deve-se considerar:

- a) os sujeitos envolvidos no processo, suas representações sociais, suas faces, seus enquadres, seus *footings*³ (Moscovici 2003; Goffman 1998, 2009, 2011; Jodelet 2002);
- b) o contexto temporal e espacial em que o evento ocorre, bem como as relações estabelecidas nesse contexto (Erickson e Shultz 1998[2002]; Mondada 2008);
- c) os esquemas do evento em questão e as atividades de linguagem nele construídas, o lugar social, o papel social do enunciatador e do enunciatário, o objetivo e o conteúdo temático (Matencio 2001; Bronckart 2008).

Todas as pesquisas mencionadas servem de base para a investigação do objeto deste estudo – a emoção na interação em sala de aula –, uma vez que os elementos por elas considerados (representação social, contexto espaciotemporal, estrutura do evento aula, atividades sociais, lugares e papéis sociais) são dele constitutivos.

3. Goffman (1998) introduz o termo *footing* como uma forma de falar de uma mudança no alinhamento que assumimos para nós mesmos e para os outros presentes, expressa na forma em que conduzimos a produção ou a recepção de uma elocução.

No fortalecimento dessas premissas, muitos esforços também têm sido investidos em estudos de interações filmicas, literárias, televisivas, políticas (Machado, Menezes e Mendes, 2007). Esses estudos mostram que os sujeitos comprometidos com processos de interação estão, de fato, envolvidos em circunstâncias emocionais. A esse respeito, Mari e Mendes saem em defesa de que:

É difícil conceber que os fatos da linguagem apontados a partir de sua dimensão enunciativa possam ser vistos sem a percepção de aspectos relativos à emoção. É difícil também admitir que o ato de fazer a linguagem funcionar pela inserção do *eu* e do *outro* no processo de construção do discurso possa ser assegurado apenas pelo rigor da razão, ou ainda, por certa insipidez formal. (Mari e Mendes 2007, p. 153)

Apesar de constataremos várias vozes ecoando em defesa dos estudos científicos da interação e da emoção e de nós, profissionais da educação e da linguagem, sabermos que o espaço escolar é o lugar privilegiado da interação face a face e de cognição, distantes mesmo da impessoalidade, a emoção no discurso da sala de aula ainda é pouco valorizada como objeto de investigação da Linguística, embora esse lugar tenha sido escopo de inúmeras investigações que ressaltam o conteúdo, a estrutura e até situações de interação (Batista 1997; Castilho 1998; Matencio 2001).

Essa constatação de que muito ainda é necessário se investir para que consigamos melhor entender esse espaço de trabalho e de emoções instigou-me a debruçar sobre este tema e a perguntar:

Como os fatores emocionais podem interferir na interação professor/aluno/objeto de estudo e interferir no funcionamento do evento aula?

Os motivos do estudo e os bastidores da cena

Pedagogicamente, os objetivos fundamentais da aula são ensinar e aprender. Nessa medida, cabe aos professores um investimento no “como” alcançar tais objetivos. Assim se pressupõe que, quanto mais conhecermos as regularidades da aula, mais possibilidades teremos de compreender características estruturais da sala de aula, suas recorrências e, portanto, sermos mais bem-sucedidos como professores.

Em minha experiência como docente de Língua Portuguesa na Educação Básica, um fato tem me incomodado muito: o grande número de alunos que alimenta certo dissabor pela disciplina em questão, não sendo ela, contudo, um alvo exclusivo desse desprazer. Algumas inquirições informais, ao longo de minha prática no magistério, renderam-me vários depoimentos que apontam para um desafeto mais direcionado à aula em si do que ao próprio objeto de estudo. Isso provocou ainda mais o meu interesse em estudar o ambiente da sala de aula, o que, de fato, acontece nela (ou como acontece) para que se construa essa relação de aceitação ou rejeição dos alunos a determinadas aulas.

Essas explorações iniciais, ainda sem um estudo empírico comprobatório, são reforçadas por outras questões recorrentes no ambiente escolar, como: “Por que um mesmo plano de aula gera aulas diferentes? Como o aluno se envolve na aula proposta? Como ocorre a relação de afetividade do aluno com o objeto de estudo? Quais os efeitos dessa afetividade? Por que um professor é bem-sucedido em uma turma e em outra não? Por que alunos de uma mesma turma se comportam diferentemente na sala de aula, variando o tempo e o professor?” Essas perguntas trazem à tona marcas evidentes da emoção presente no ambiente de ensino/aprendizagem. Algo talvez

determinante da interação professor/aluno, que interferiria na aceitação das proposições do professor pelo aluno e, por conseguinte, do seu envolvimento e produtividade na aula. Essa possibilidade aguçou em mim o desejo de investigar as emoções mais recorrentes nas atividades desenvolvidas na sala de aula, bem como as representações sociais também subjacentes e que ali circulam, tendo o discurso que emerge da sala de aula como objeto de análise.

Em sua pesquisa sobre a aula de Língua Portuguesa, Matencio (2001) defendeu a inserção do estudo das interações orais como uma contribuição para a aprendizagem do objeto e para a formação do professor. Assim propõe: “o que estou dizendo é que o estudo das interações orais (...) pode efetivamente contribuir, e muito, tanto para a aprendizagem do português como para a formação de profissionais da área” (Matencio, 2001, p. 14). Adiante, enfatiza: “mais do que mudar os conteúdos no ensino da língua materna, é necessário alterar as práticas de ensino/aprendizagem”. Tal defesa, ora direcionada ao estudo da língua, pode ser ampliada para as aulas de todas as disciplinas, haja vista que as interações orais são constitutivas de todas elas.

Se, conforme a própria autora afirma, no âmbito da pesquisa sobre a interação na aula de língua materna, já são muito restritos os interesses em se analisar o discurso didático, quando ampliamos esse espaço para as demais disciplinas, vemos, então, um enorme trabalho a ser realizado, pois “não há estudos que incorporem, de forma sistemática e articulada, tanto as condições de emergência do discurso didático quanto o processo de formulação e execução do texto oral dialogado produzido em uma aula” (Matencio 2001, p. 38).

Isso justifica a defesa que ela faz da integração da pesquisa sobre a interação em sala de aula nos cursos de formação de professores, como “decorrência da necessidade de qualificarmos profissionais capazes de identificar e buscar soluções para os problemas da prática em sala

de aula, sejam de natureza interativa ou interacional” (Matencio 2001, p. 207).

Tal posicionamento encontra respaldo em inúmeros estudos de Kleiman (2000, 2002 e 2007) sobre interação, formação de professores e o papel da análise da interação no contexto de formação docente, focalizando, em especial, o professor alfabetizador.

É importante que o professor tenha a consciência das ações languageiras⁴ que ele realiza na sala de aula e de suas reações com os interlocutores. É necessário saber, por exemplo, que, quando ele avalia, ele pode praticar esse ato enunciativo afetado por emoções positivas, como elogio ou recompensa; ou por emoções negativas, como reprovação, crítica e punição. Ao dar um comando a seus alunos, ele poderá vir carregado de confiança em suas capacidades ou de dúvida, descrédito. Professor e alunos afirmam, perguntam, ordenam, pedem, prometem, garantem, desculpam-se, agradecem, avaliam, enfim, constroem a aula por meio do discurso dialógico.

Além da materialidade linguística, numa situação interativa, as pessoas se comunicam com todo o corpo, fornecendo, de modo eloquente, várias pistas de contextualização e sentidos, de posturas, de mudanças de tom e altura da voz, a alteração do vocabulário, do estilo, do ritmo e da movimentação corporal, de mudança na direção do olhar e na expressão facial, além de adequações relativas a quem é o interlocutor e quantos são (Erickson e Shultz 1998[2002]).

O recorte que aqui foi proposto poderá contribuir nas direções acima apontadas, uma vez que se trata de uma descrição e análise da interação cotidiana construída no

4. Atos realizados por meio da linguagem. Definido por Austin (1962[1990]) como Atos de fala: a unidade básica de significação, que toma a enunciação como uma proposição realizada de um locutor para um alocutário. O termo “ações languageiras” é utilizado por Kerbrat-Orecchioni (2005).

ambiente de sala de aula, enfatizando as pistas de emoção encontradas nesse contexto.

Por fim, é necessário destacar que a vertente assumida neste estudo foi especificamente discursiva, baseando-me na premissa de que as opções discursivas do professor, na sala de aula, influenciam no resultado do seu fazer didático-pedagógico. Os motivos ora expostos validam a relevância deste estudo, bem como sua contribuição para os estudos do interacionismo sociodiscursivo, no que se refere, principalmente, à identificação das marcas languageiras da emoção em um ambiente legitimamente interacional que é a sala de aula.

Os fins da atuação

- Identificar, caracterizar e explicar como os fatores emocionais podem interferir na interação professor/aluno/objeto de ensino na sala de aula;
- mapear o discurso construído em sala de aula, identificando pistas de contextualização, formas de interação, ações languageiras e elementos emocionais predominantes;
- descrever as representações sociais emergentes no ambiente de sala de aula e suas prováveis relações com a interação professor/aluno examinada;
- definir uma aula bem-sucedida do ponto de vista sociointeracionista.

As projeções hipotéticas

Para melhor direcionamento e análise da problemática em foco, lancei, no início da pesquisa, duas hipóteses. Supunha que: (i) a emoção está presente na sala de aula no modo como o professor e os alunos externalizam suas ações. Assim, tanto o professor, ao exercer suas funções comunicativas e metacomunicativas de informar, animar,

avaliar e disciplinar a turma em sua proposta de aula, quanto os alunos, ao acatarem ou não tal proposta, comprometem suas ações com elementos emocionais como tom e ritmo de voz, crenças, representações e expressões gestuais, corporais e faciais que seriam, a meu ver, definidoras para o bom funcionamento da aula; (ii) os elementos emocionais, construídos na interação e materializados no discurso e nas ações do professor e dos alunos, interferem nas representações que alunos e professores fazem do objeto de estudo, da escola, da turma e deles mesmos.

Os corpora

O Capítulo 2 desta obra, dedicado a esclarecimentos de ordem metodológica, traz os detalhes os passos e o processo de elaboração da pesquisa. A despeito disso, julguei relevante, tendo em vista a orientação do leitor, fazer constar, nesta introdução, os *corpora* constituídos para análise. São eles:

- a) 101 relatórios de observação das aulas assistidas em seis turmas do Ensino Fundamental;
- b) 49 questionários semiestruturados aplicados a alunos de duas turmas, 7º e 8º anos, observadas com maior singularidade;
- c) 14 questionários semiestruturados aplicados aos professores das referidas turmas;
- d) 28 horas-aula filmadas e transcritas, somando 46,5 horas de filme;
- e) 10 sessões de autoconfrontação gravadas em áudio e transcritas.

Esses dados foram compilados e, após análise preliminar, foi possível identificar as categorias recorrentes, as quais se configuraram em fator estruturante para a análise.

Os quadros emocionais que testemunhei na sala de aula

Com todo esse material e muita disposição, dediquei-me intensamente a verificar as ocorrências e recorrências de fatores emocionais naquelas interações presenciadas e registradas em áudio e vídeo. A análise minuciosa possibilitou-me a estruturação de quatorze quadros emocionais repetitivos a que denominei de Tópicos da Emoção na Interação em Sala de Aula, as quais são baseadas em emoções positivas e negativas.

As tópicos negativas foram relacionadas a desânimo, vergonha, agressividade, embaraço, abatimento, frustração e desrespeito. Os dados evidenciaram que, a predominância desses quadros contextuais, visivelmente, prejudica o engajamento dos alunos na aula. Além disso, fatores como tédio, indisciplina, ameaça, tristeza, dentre outros, articulam-se a esses quadros emocionais, interferindo negativamente no alcance das propostas didáticas para os eventos analisados.

As tópicos positivas, por outro lado, foram vinculadas a interesse, entusiasmo, prazer, satisfação e envolvimento. Nessas situações, destacou-se o entusiasmo pelo objeto de ensino e pela proposta do professor. Nessa mesma direção, o afeto, o elogio, o movimento, a alegria e o bom humor constituíram os quadros emocionais da interação, como causa ou como consequência deles. O fato é que, com esse ambiente positivo, verifica-se contexto propício à construção do conhecimento e ao sucesso da aula.

Para chegar a essas tópicos, foi necessária meticulosa análise do contexto interacional, reconstituindo, o quadro espaciotemporal, os direitos e obrigações dos participantes, os objetivos da interação, as expectativas, lugares e papéis dos sujeitos, as representações sociais reveladas nas interações, o agir discursivo dos professores e, especialmente, o discurso construído na aula. Todo o percurso vivido será descrito no decorrer deste livro.

A organização geral do cenário e das ideias

Este livro foi organizado em 5 partes, cujos títulos fazem alusão a termos cenográficos, uma escolha justificada pela natureza metodológica da pesquisa – essencialmente dependente do quadro espaciotemporal (cenário), da imagem e do som – e pela tentativa de deixar o texto menos denso e mais palatável. Ficou, assim, organizado:

- Esta introdução – *Iluminando a cena* – este texto de apresentação funciona mesmo como luzes para que o leitor se informe com clareza sobre: o problema do trabalho, as justificativas da pesquisa, as questões centrais a serem estudadas, o objeto do estudo, os objetivos a alcançar e as hipóteses defendidas.
- Capítulo 1 – *Emoção na interação: referências e ancoragens teóricas* – nessa seção, aponto os pressupostos teóricos fundamentais para nortear a discussão dos dados, buscando contribuições, principalmente, da Análise do Discurso, do Sociointeracionismo, da Educação e da Psicologia Social para trazer definições sobre noções e categorias caras ao estudo, como: linguagem, discurso, sujeito, interação, representação social, emoção e aula.
- Capítulo 2 – *Revisando o (per)curso: princípios, parâmetros e escolhas metodológicas* – indico, nessa parte do livro, os procedimentos usados na construção do caminho, a opção pela abordagem etnometodológica, a composição dos *corpora*, além de assinalar convergências teórico-metodológicas possíveis e necessárias para a construção de sentido dos dados.
- Capítulo 3 – *Desfazendo nós: a análise dos dados e a construção das respostas* – realizei

nesse espaço um levantamento das principais revelações encontradas nos *corpora* advindos dos questionários aplicados a alunos e professores, dos relatórios das aulas; das aulas filmadas e transcritas; e das sessões de autoconfrontação gravadas e também transcritas. Posteriormente, realizo a triangulação de dados na busca da construção das respostas.

- Capítulo 4 – *Considerações finais: cerram-se cortinas e abrem-se caminhos* – nessa seção, apresento a avaliação geral dos resultados da pesquisa empreendida e deixo algumas considerações sobre as contribuições do interacionismo para a formação de professores.

Convido-o, por fim, a conhecer os resultados da minha pesquisa, a qual, modestamente, pretende colaborar para o entendimento das múltiplas e complexas variáveis que compõem o contexto da sala de aula.